

AMOSTRA GRATUITA

DESPERTAR

Uma vida inteira na memória.

PRÓLOGO + CAPÍTULO I

11 PÁGINAS DE AMOSTRA

Um romance de

RAPHAEL RODRIGUEZ

livrodespertar.com.br

P R Ó L O G O

Em um lugar fora do alcance dos mapas, Daniel viveu uma vida que ninguém mais viu.

Nessa existência silenciosa, ele acordava com o calor de um corpo ao lado e o aroma suave de um café que jamais preparou de verdade. Aprendeu a reconhecer a cadência de uma risada baixa no corredor de um apartamento que não era o seu. Colecionou pequenos hábitos e confidências em dias que não cabem em calendário nenhum.

Aprendeu a dormir respirando no mesmo ritmo de alguém.

Aprendeu a acordar sem alarme, guiado pelo roçar de um pé frio sob o cobertor.

Aprendeu a amar sem pressa — porque, naquele lugar, o tempo não tinha para onde levá-lo.

Nenhuma daquelas manhãs aconteceu de fato. Nenhuma daquelas noites deixou testemunhas. Mas, para ele, foram reais.

Quando Daniel abriu os olhos no hospital, voltou sozinho. Deixou para trás uma história inteira em algum lugar que não pertencia a este mundo. Ainda que essa história não tivesse continuidade ali, seus vestígios permaneceram — presos ao corpo como um perfume que não se lava.

Algumas vidas terminam sem despedida, suspensas na memória à espera de um olhar que as reconheça. Daniel despertou com uma saudade sem nome — um luto por algo que só ele viveu. Esse vazio

também era uma prova: ele havia amado e sido amado em uma vida que não foi, e a lembrança disso resistia acordada dentro dele.

Sem mapas, sem evidências, aquela vida insistia em existir apenas onde ninguém mais podia enxergar.

Era de lá, desse canto esquecido entre sonho e realidade, que Daniel retornava.

E talvez, em algum ponto da volta, tivesse trazido consigo mais do que apenas a memória.

CAPÍTULO I

O Despertar

a vida real

Daniel acordou antes do corpo.

A consciência veio primeiro, como um fio de luz atravessando um quarto escuro. Depois, o peso no peito. A secura na boca. O desconforto difuso que não se localizava em nenhum lugar específico, mas ocupava tudo — o sangue, os ossos, a pele. Em seguida, o som: distante, metálico, repetitivo. Um bip. Outro. Um ritmo que não pertencia a ele.

Tentou abrir os olhos. Não conseguiu.

Não porque não soubesse como, mas porque, por um instante, não fazia sentido.

Em algum lugar — que ainda não tinha nome — ele havia acordado muitas vezes daquela mesma maneira. Havia uma janela à esquerda, sempre aberta demais para o frio da manhã. Havia um cheiro de café queimado misturado com pão morno. Havia uma presença ao lado da cama, silenciosa, familiar, respirando no mesmo compasso que ele. Havia um pé descalço tocando de leve o seu sob o lençol, como quem confere, sem acordar, se o outro ainda estava ali.

Nada disso estava ali.

Quando finalmente abriu os olhos, o teto branco não devolveu nenhuma memória. Apenas luz artificial e linhas retas. O corpo

respondeu tarde, pesado, como se tivesse sido usado por alguém que não ele. Os dedos pareciam pertencer a uma pessoa que ele ainda não tinha conhecido.

— Senhor Daniel?

A voz veio de cima, depois de um rosto. Um rosto treinado para reconhecer pequenos sinais de retorno. A enfermeira tinha olhos gentis e uma postura econômica, sem gestos a mais. O crachá no peito balançou quando ela se inclinou sobre ele, mas Daniel não conseguiu ler o nome.

Ele piscou. Tentou falar. Não conseguiu.

A mão direita se moveu alguns centímetros. Foi o suficiente.

O quarto se organizou rápido demais. Pessoas entraram. Ajustaram equipamentos. Chamaram alguém pelo nome dele — um nome que soava correto, mas incompleto, como se faltasse o sobrenome de algo maior. Daniel sentiu uma estranha urgência de avisar que não estava inteiro ali, que parte dele havia sido esquecida em outro lugar, mas não havia palavras para isso. Nenhuma língua comportava aquela informação.

— Você está no hospital — disseram.

— Ficou desacordado por alguns dias.

— Está tudo bem agora.

Alguns dias.

A frase passou por ele sem encontrar apoio. Alguns dias não explicavam o peso das manhãs que ele não tinha vivido. Alguns dias não

cabiam a cozinha de luz amarela que ainda brilhava por dentro das pálpebras quando ele fechava os olhos. Alguns dias eram a medida errada.

Tentou perguntar pela família, mas a voz saiu seca, quase inaudível. Disseram que os pais estavam a caminho. Que já tinham vindo. Que logo voltariam. As frases se cruzavam no ar sem ordem. Daniel assentiu porque era mais simples.

A primeira noite foi a mais difícil.

Não pela dor, que vinha controlada, dissolvida em goteiras silenciosas de medicação. Não pelo frio do quarto, que ele aprenderia a ignorar. Mas pela ausência. O silêncio do hospital não combinava com o barulho que ele esperava ouvir ao adormecer. Faltava algo pequeno, quase irrelevante, mas insistente — como quando se perde um objeto no bolso e só se percebe horas depois, ao procurar por hábito.

Faltava a respiração de outra pessoa.

Faltava o som mínimo de alguém virando a página de um livro no escuro.

Faltava a certeza, automática e sem prova, de que ele não estava sozinho.

Foi então que sentiu o elástico no pulso.

Azul.

Gasto. Ligeiramente frouxo. Não lembrava de tê-lo colocado ali. Não lembrava de tê-lo usado jamais. Ainda assim, o gesto de girá-lo com o polegar veio automático, íntimo, carregado de uma familiaridade que

o assustou mais do que qualquer diagnóstico. O polegar conhecia aquela borracha. O pulso reconhecia aquele aperto. O corpo sabia de algo que a memória não sabia explicar.

Uma imagem atravessou a mente — rápida demais para ser chamada de lembrança.

Um cabelo sendo preso às pressas.

Um pedido distraído: "Segura pra mim?"

Uma risada baixa, como se não quisesse acordar alguém.

Daniel fechou os olhos.

Dessa vez, não dormiu.

Ouviu o hospital respirar ao seu redor: o murmúrio distante das enfermeiras trocando turno, o clique das portas pneumáticas, o carrinho de medicação passando pelo corredor com as rodinhas desalinhadas. Cada som era um lembrete de que o mundo ali funcionava sem precisar dele.

Em algum momento da madrugada, uma técnica entrou para trocar o soro. Ela fez o trabalho em silêncio, apoiou a mão de leve no braço dele por um segundo antes de sair. Daniel não abriu os olhos, mas guardou o gesto. Era o primeiro toque humano que ele conseguia registrar como real.

Ela devia fazer esse gesto com todos os pacientes, pensou.

E depois, já sem defesa:

Alguém, em algum lugar, aprendeu a me tocar assim.

Nos dias seguintes, os médicos falavam, mas ele escutava como quem acompanha uma conversa do outro lado da rua. Palavras técnicas. Números. Explicações cuidadosas. Tudo fazia sentido, desde que ele não pensasse no tempo.

Duas semanas.

Esse era o consenso.

Duas semanas desde o acidente. O carro atravessado, o caminhão, o sinal que não foi respeitado. Daniel ouvia a narrativa dos fatos como se fosse sobre um personagem homônimo — um Daniel que existiu numa matéria de jornal que ele não leu.

Ele assentia. Era mais simples aceitar do que explicar que, em algum outro lugar, ele havia envelhecido. Havia aprendido a fazer café do jeito certo, sem açúcar pela manhã, com açúcar à tarde, porque ela tomava assim e o hábito grudou. Havia brigado por coisas pequenas — uma porta batida, um silêncio prolongado. Havia pedido desculpas em transeiros. Havia amado com uma constância que não cabia em semanas.

Quando perguntaram se ele se lembrava de algo, respondeu que sim.

Quando perguntaram do quê, respondeu que estava confuso.

Era verdade. Mas não inteira.

A mãe chegou na manhã seguinte. Abraçou-o como se ele pudesse se partir de novo. Chorou um choro contido, administrado, o tipo de choro que só se aprende depois dos cinquenta, quando as pessoas já

entendem que lágrimas também cansam os outros. O pai ficou em pé, no canto do quarto, com a mão apoiada no corrimão da cama. Disse pouco. Olhou muito.

Daniel percebeu que os dois pareciam menores do que na última vez em que os vira — e essa última vez, aos olhos deles, tinha sido em setembro, em algum almoço que ele mal lembrava. Para ele, tinham se passado anos.

Havia pessoas em duas velocidades diferentes na mesma sala. Ninguém percebia.

Os dias no hospital começaram a se confundir. Exames. Sessões de fisioterapia leves. Uma visita de colegas do trabalho, que trouxeram um balão brega com escrita de "melhoras" e ficaram quinze minutos constrangidos, olhando para os próprios celulares. Ninguém fazia a pergunta certa, porque ninguém sabia qual era.

Qual foi a vida que você perdeu?

Essa pergunta não existe em nenhum protocolo.

Na manhã da alta, São Paulo apareceu pela janela do quarto como uma cidade recém-inventada. Cinza, barulhenta, apressada demais para quem tinha voltado devagar. Daniel observou os telhados, as antenas, o retângulo distante de um outdoor desbotado. Era janeiro. A luz tinha aquela qualidade branca dos dias de verão em que o céu não se decide entre chover e queimar.

Ele vestiu a roupa, calçou os sapatos, conferiu os documentos. Tudo em ordem. Tudo correto.

Antes de sair, olhou novamente para o pulso.

O elástico azul ainda estava ali.

Ele poderia tirá-lo.

Não tirou.

Algumas coisas não se retiram sem perder algo junto.

No elevador, um senhor de bengala olhou para o pulso dele por um instante, depois desviou o olhar com a discrição automática de quem já viu muita coisa na vida. Daniel apertou o elástico entre os dedos. O senhor desceu no térreo, e Daniel continuou até a saída.

Na recepção, as portas automáticas se abriram com um suspiro. O ar quente da cidade entrou primeiro — um cheiro complicado de asfalto, combustível e amendoim torrado de algum vendedor ambulante. São Paulo cheirava como ele lembrava. Mas ele não estava seguro de que lembrar era a palavra certa.

E enquanto o táxi atravessava a avenida em direção a uma rotina que o esperava inteira, Daniel teve a estranha certeza de que o despertar não tinha sido o fim de nada.

Tinha sido apenas uma interrupção.

A HISTÓRIA CONTINUA

Continue a leitura.

Daniel despertou.

Agora, precisa descobrir o que voltou com ele.

- Ebook completo em PDF
- 18 capítulos + epílogo
- Acesso após a confirmação pela Hotmart

EBOOK COMPLETO

R\$ 15,99

COMPRAR O EBOOK NA HOTMART

livrodespertar.com.br